

# **MONSTRO ILUSIONISTA** **OU** **QUEM TEM MEDO DE MOISÉS NETO?**

por HENRIQUE AMARAL

Início: 15 de julho de 2004, 2h06m.  
RECIFE, 2004.

## Capítulo 1 CANTANDO NA TV

Na tradução de Houaiss para o “Ulisses”, de Joyce, em certo momento, se fala do bebê, que deve ser mesmo uma graça, rindo com aqueles olhinhos alegres e aí a Cissy cutuca a barriga dele e o bebê devolve o contato sobre um babadouro novinho.

Fico imaginando como deve ter sido o bebê Moisés, mas como dizia Cortázar em “As Armas Secretas”, não sabemos nada verdadeiramente até que amemos.

E eu já havia amado.

Achei legal o jeitão de ser de Moisés Neto desde que parei um tempo na praça do Carmo, em Olinda, com Verônica Monteiro Correia e João Álvaro Lopes Braga, para conversar com ele, antes que subisse para a igreja onde se encenava “O Suplício de Frei Caneca”, em fins de 1979 e início do ano seguinte.

Verônica ou Verinha, que está nas mãos de Deus, pertencia ao elenco, eu a adorava e em conseqüência disso passava a adorar todos os seus amigos. A peça era dirigida por José Francisco Filho, no auge de sua carreira.

Eu assisti à peça e gostei de tudo e de todos. Não havia muita maldade naquela época, pelo menos na minha cabeça.

Em 2000 escrevi uma peça biografando e ficcionando a vida do Senador José Ermírio de Moraes, encenada por Rivaldo Casado e Marquinhos Varella, com mais de 500 estudantes no elenco, no dia 18 de novembro de 2000, às 19 horas, no Teatro Guararapes, para o Núcleo Educacional Senador José Ermírio de Moraes, o NESJEM.

Mas o pai de Antônio Ermírio de Moraes me foi dado a conhecer através de muito material de pesquisa cedido por várias fontes. Que eu nunca o conheci e que faleceu muitos anos antes de 2000.

É tão diferente de biografar alguém que convive com você, que atua com você.

Talvez porque Moisés Neto já tenha, ou seja: um referencial do tipo lutou, batalhou, deu certo, chegou lá. Abandonou os estudos para fazer teatro e depois do sucesso voltou à universidade, se formou, e ensina literatura há anos. O que pode ser melhor para um escritor como Moisés Neto do que ensinar literatura?

Com três livros publicados, os dois últimos de grande impacto, sobre Science e o movimento mangue e o longo poema em cima do 11 de setembro, Moisés encenou ou teve seus textos encenados entre 1985 e 2004 no teatro pernambucano.

E eu tive a sorte de ser colega de trabalho, de grupo, parceiro em um texto teatral, ator em peças dele, ou ele atuou em peças minhas. Dessa convivência entre 1979/80 a 2004, sempre tive curiosidade em saber mais sobre a evolução de Moisés, a sua vida, a criança que foi, como ele mesmo me disse, uma espécie de Will Robinson, o personagem de Billy (hoje Bill) Mummy, no seriado “Perdidos no Espaço” (*Lost in Space*, 1965/1968). E o que é isso? Curioso, quieto, observador, um pré-adolescente meio gênio, curioso, xeretando as coisas.

Claro que devíamos ter a cópia em DVD da Tia Linda da TV Jornal apresentando o garotinho Moisés cantando e mostrando seus desenhos para as câmeras. Fim dos anos 60 ou início dos 70? Por aí.

As imagens vão me chegando com a ajuda enfim do próprio biografado, imagens de um filme que parece ter sido realizado em preto e branco, mas como diz meu pai, todo o passado dele (dele, meu pai, nascido em 1928), foi a cores. Mas colorido mesmo eu não sei, imagino talvez num tom próximo às fotos que Ana Farache torna coloridas através da aquarela.

Mesmo que eu tenha visto Oscarito em preto e branco nos musicais da Cinédia ou nas comédias da Atlântida, foi a poderosa, e velha, Hollywood que me tirou a dúvida. O passado era colorido. Então somente o passado do Brasil era em preto e branco?

E o do Nordeste? E as imagens das telenovelas, teleteatros e programas das emissoras do Recife que infelizmente não possuímos mais? Tudo preto e branco?

Um Nordeste apagado?

Nem tanto. O Sul adora o Nordeste e o nordestino também está lá, a cores, como em “A Compadecida”, de George Jonas, baseado no clássico de Ariano, de 1969. Os brasileiros mudam muito de região. É claro que o Nordeste não possui uma rede nacional, mas estamos no elenco, nos temas, nos técnicos, desde o início da TV no Brasil.

E o maravilhoso *Ciclo do Recife*? Apresentado no Teatro do Parque, restaurado? Acredito, que pelo incentivo maior de Fernando Spencer? Eu corri da minha sala, no departamento de jornalismo da Rádio Jornal direto para o microfone de Jaime Sabino anunciar ao ouvinte a inacreditável mostra.

Tudo preto e branco no Nordeste? Não, tudo é preto, branco, pardo, mulato, vermelho sangue de batom, cordão encarnado, muito pelo contrário, que é o título do primeiro sucesso de João Falcão no teatro, como autor, e no qual Moisés atuou entre 1981/1982.

Lógico, todo o colorido dos maracatus, por exemplo, entre tantas manifestações culturais que o Nordeste e Pernambuco, como representante forte da região, tem.

Então o passado de Moisés Neto foi a cores. E tudo muito bem vivido. Ele foi feliz. Ele é feliz. Discretamente feliz. Nunca o vi em gargalhadas passando da conta ou sorrisos forçados para agradar a ninguém.

Adaptando Machado de Assis, William Shakespeare, filmes com Bette Davis, recriando o mito de Janis Joplin, levando aos palcos o clássico de Robert Louis Stevenson, “A Ilha do Tesouro” em forma de musical (músicas de Ricardo Valença), atuando como ator, diretor, produtor, escritor, professor, analisando obras literárias, peças, filmes, participando do cinema e vídeo local e nacional (um repórter em “O Cangaceiro” em cena com o “Boca de Ouro” de Néelson Rodrigues na visão de Néelson Pereira dos Santos, ou seja, Jece Valadão), escrevendo crônicas para o Jornal do Commercio, avaliando a Broadway, correndo o mundo, passeando por locais um dia frequentados por Elizabeth Taylor e Bette Davis (o Egito, por exemplo), com um inglês fluente, decepcionando-se com a *Baker Street*

mil vezes citada por Sir Arthur Conan Doyle nas histórias de Sherlock Holmes, conhecendo Ionesco e tantas outras personalidades que acredito nunca imaginou que conheceria...e aí, leitor?

É pouco? Manter uma coerência, estar em cena sempre, ano após ano, sempre com a arte como meio de vida, tendo a literatura como base?

Não é fácil, mas não é fácil *mesmo*.

Existem aqueles que criam uma obra e em seguida se aposentam. Qualquer tipo de obra. Outros são bissextos. E outros fazem um trabalho contínuo, do momento em que iniciam até o momento de sua morte.

Esse é o caso de Moisés. Ele não para nunca. Cria e recria. Dono de um *site* na Internet, ele próprio, escancara a sua vida artística e literária, chega a apresentar poemas dos seus 15 anos de idade. E são poemas fortes, bonitos, simples.

Nada como a simplicidade, é impressionante, mas ela, a linguagem simples, sem tantos rebuscamentos, é responsável pelas grandes obras, talvez pelas maiores obras da literatura.

Um Charles Dickens, por exemplo, ou um Emile Zola? A linguagem é direta, clara, não engana o leitor. Como as falas dos personagens teatrais de Moisés, vão direto ao assunto e quando mentem, mostram ao espectador que estão mentindo. Ou não.

E mergulhando nas primeiras cenas de sua vida, Moisés Monteiro de Melo Neto me conta:

“Uma das primeiras imagens da minha infância é o mar. Eu tinha problemas com respiração e os médicos aconselharam levar-me todos os dias à praia. Legal, não? Quando eu tinha poucos meses de idade, minha mãe, que tinha 16 anos quando eu nasci, não me deu água suficiente e eu tive desidratação. Esse conjunto de coisas poderia associar-se à travessia de um mar vermelho que apenas se iniciava enquanto eu engatinhava. Nasci no mês de março, outono, chovia muito e minhas fraldas não secavam direito. Água, sempre água. Aos sete anos eu ia me afogando. Aos oito, vi a casa onde eu passava férias inundar-se com a enchente de um rio.”

Mas onde está Moisés aqui? Em que área do Recife? Nossa área metropolitana é tão grande, um dia chegaremos a Nova Iorque.

E ele me responde:

“Eu morei em Campo Grande e a praia à qual me levavam era Olinda, que naquela época, disseram-me, era bem menos poluída. Aos cinco anos fui morar em Boa Viagem, levado por uma tia que havia se casado e tinha medo de morar num lugar deserto como eram as imediações da Escola Americana do Recife. Logo mamãe mudou-se para lá também. Era um paraíso para mim. Campinas enormes. Muitas árvores, flores, animais. Parecia cidade do interior. O ano era 1966. Eu tinha um casarão só para mim. À tardinha passava ao longe o trem que ia para o Cabo. O nascer e o pôr-do-sol eram magníficos. Minha primeira professora casou-se com meu tio. Ela era muito rica, mas, só quando se casasse colocaria a mão na grana. Casou-se e eu também passei um tempo na casa dela. Meu apelido era “bandoleiro”, pois desde pequeno eu tinha pelo menos três endereços. Vivia sempre com mochilas cheias de coisas para cima e para baixo, como um pequeno cigano.”

## Capítulo 2 DE REPENTE NO ÚLTIMO VERÃO

Moisés e eu estivemos ontem no palco do Teatro do Parque, representados por Maninho Casado (antes, Rivaldo Casado) e Emmanuel David d’Lúcard, em “Com a Víbora no Seio”, no show-tributo a Gilberto Aureliano (24 de julho de 2004) e como não compareci pude mergulhar mais um pouco sobre sua obra e vida.

A descrição de sua infância em primeira pessoa me recorda muito o monólogo de Catherine Holly, em “Suddenly Last Summer”, de Tennessee Williams, tem um pouco de dor, de descoberta, de trauma. Não atinge o mesmo ápice dramático da peça porque Moisés superou, acho isso evidente, os medos de sua infância.

Leia, é ele mesmo contando:

“Havia minhas crises de respiração e as madrugadas infernais à base de remédios fortíssimos. Próximos à minha casa havia acampamentos, tanto de ciganos quando de hippies no final dos anos 60. Boa Viagem, a praia, era encantadora. Havia na avenida beiramar, próximo ao Hotel Boa Viagem, o *Castelinho*, e depois estava uma casa que parecia um barco: a *Casa Navio*, lugares que a gente freqüentava. Eu fui freqüentador durante muitos anos do calçadão de Boa Viagem. Lá nossa turma se encontrava. E também na esquina das ruas Almirante Tamandaré e Padre Cabral, em Setúbal. Várias tardes eu passava na *Escola Americana do Recife* e nos fins de semana o vigia nos deixava *usufruir* várias coisas naquela instituição. Era tão diferente das escolas do Recife, eu ficava fascinado. Eu me lembro da época da *Jovem Guarda*. Mamãe usando aquelas perucas e as mini-saias. Lá em casa todas as mulheres tinham uma caixa de jóias verdadeiras. Lembro que um dia fomos buscar titia no aeroporto e no dia anterior tínhamos assistido no cinema ao ‘Auto da Compadecida’, com Regina Duarte (fazendo o papel da própria) e quem desce do avião com minha tia? Ela mesma: a Regina.”

É interessante observar aqui como era realmente fascinante a *Casa Navio* e como havia tranqüilidade em Boa Viagem naquela época. Eu mesmo fugi do Colégio Militar do Recife, em 1974, para passear com um colega de classe que morava em frente à praia.

Boa Viagem ainda é uma maravilha para um belo passeio noturno, enfiar os pés na água fria do mar, deixar que eles se sujem de areia e só limpá-los em casa, depois que os pés, dentro do sapato sujo de areia, estiverem bem relaxados pelo sal marinho. Ou talvez um banho de mar num dia mais tranqüilo que o fim de semana.

Se bem que o mesmo acontece com Gaibu, que se tornou irreconhecível depois de alguns anos. Uma praia lotada de barraquinhas de diversos tipos e gente, mas tanta gente, que você não relaxa como nas épocas áureas da juventude surfista dos anos 60/70 e início dos 80.

E é engraçado perceber que mesmo que o diretor George Jonas tenha reduzido o título da peça de Ariano Suassuna, a criançada estava no cinema vendo um auto que se tornou um clássico desde a sua estréia com Socorro Raposo (a 1ª *Compadecida*) no teatro pernambucano.

E Suassuna rejuvenesceu no tratamento de alta sensibilidade dado ao texto por Guel Arraes, quer na minissérie, quer no filme. E as mãos de João e Adriana Falcão estavam presentes no roteiro.

E Moisés fala do cabelo da mãe. Nossa! Quem vê as fotos das garotas na década de 60, arregala os olhos. Os penteados eram muito engraçados, beirando o ridículo se vistos hoje em dia, altamente *kitsch* ou brega (veja Liz Taylor em “Jogo de Paixões”, com Warren

Beatty: os penteados desconcentram você, ela que sempre foi tão linda, com aquele cabelo, não dá mesmo; o mesmo não acontece com Leila Diniz em “Todas as Mulheres do Mundo”, talvez porque Leila tenha preferido um penteado natural e não embarcou na onda *fashion* em voga.

Mas vamos avançar um pouco mais na trajetória de Moisés, passando-lhe o microfone:

“Concluí o *Fundamental 1* com a mesma professora que ensinara a minha mãe. Dona Tereza Andrade. Ela era muito severa e no mês de Junho sempre ensaiávamos várias danças como baião, cateretê, a quadrilha e outros ritmos que ela mesma tocava ao piano. Havia a dança do pau de fitas, a dos arcos e também o chula e o vira (danças portuguesas), eram roupas caras e nós dançávamos no internacional. Aí papai começou a abusar da bebida. Saiu da aeronáutica e as coisas começaram a ficar meio estranhas. Nós nos desentendíamos e eu cada vez mais me afastava deles. Eu gostava muito da minha irmã, Fátima Amaral, começamos a estudar juntos e sofri muito com nossa separação. Aos onze anos, decidi morar com titia e com minha avó Diomar de Belli. Fiquei em Boa Viagem e eles voltaram para Campo Grande. Meu irmão, Mário Filho, formou-se em Medicina e foi o laureado da turma. Mas achou que tal trabalho era mal remunerado no Brasil. Hoje tem um cargo melhor no governo e não quer que diga a ninguém que ele é médico (os mestres ficaram chocados, ele era o queridinho da UFPE), concluiu também na UFPE o curso de direito. Minha irmã Fátima fez Letras e tem dois filhos: Leonardo (Direito) e Rafaela Amaral (Publicidade).”

O Amaral da irmã de Moisés é de seu marido, a quem não conheço, e não sei se é algum parente próximo. O meu Amaral vem de Minas, onde meu pai nasceu.

Não é fácil para os professores observarem qual daqueles alunos poderia um dia, quem sabe, fazer teatro, ou dança ou até mesmo canto, desenho, literatura.

Uma das apresentações de Moisés, no Clube Internacional do Recife, deu-se em 1970. Ele lembra bem por causa da Copa do Mundo. E em 1979, estava com a trupe de “O Suplício de Frei Caneca”, de Cláudio Aguiar. São de 1976 os seus poemas dos 15 anos, publicados em sua página na Internet. E junto à Tia Linda, além de cantar uma canção do repertório de Roberto Carlos, expôs para a câmera uma série de desenhos seus.

Ou seja, uma coisa se liga à outra. A arte na infância, adolescência, na juventude, na idade adulta, na maturidade.

É sempre bom, acredito, a folha de papel em branco, e lápis de todas as cores para o desenho e um pretinho para as primeiras letras. Isso na infância. E é o que as escolas fazem mesmo, lógico.

Como também o ensino da dança e do canto, sem que se force demais a criança, ela pode estar mais interessada em esportes num primeiro momento. E uma coisa não exclui a outra, é evidente. Que o diga Pelé, astro de “Os Estranhos” (também com a Regina Duarte), novela de TV, que dizem ter sido uma ficção científica, e em 72, de “A Marcha”, sobre a escravidão. Sem mencionar seus trabalhos mais recentes.

E reparem que Moisés cita diversas danças e considera a professora rígida. Sim, deve ter sido, mas com uma proposta interessantíssima de arte-educação.

Moisés começa a abrir um pouco de sua intimidade ao falar de sua família, seus pais, sua avó, seus irmãos e sobrinhos. São revelações pessoais raras, não é comum vê-lo falar de sua família.

Aliás, em relação às pessoas que fazem teatro no Recife, parece que existe essa retração. Ou existia.

Separar o mundo teatral pernambucano, que se misturou muito, durante longo tempo, com as mesas dos bares, com a bebedeira, as boates ou qualquer outro tipo de casa noturna, da vida familiar, parece ter sido a saída para se manter certa privacidade.

Principalmente pela mística da comemoração do fazer teatral, geralmente um bom jantar e *bebidinhas* num bom restaurante – se a receita tiver sido boa.

Mas isso é passado.

Os atores e técnicos da nova geração não estão nem aí para fumar, beber, comemorar, fazem um espetáculo, pegam seu ônibus ou um táxi e vão pras suas casas.

O que não ocorria nas décadas de 70/80, pelo menos. Todos bebiam, fumavam, uns se drogavam, porque a bebida estimulava, liberava, relaxava, e mil e uma idéias vinham desses encontros.

Mas a família de cada um, ah, essa ninguém comentava, ninguém tava nem aí com isso. Claro que pelas costas se comentavam baboseiras, fuxicos ingênuos ou perversos, mas a verdade é que a família dos artistas em Pernambuco, durante muito tempo, não acompanhava a carreira de seus filhos (as).

Uma exceção, claro, é a do Teatro de Amadores de Pernambuco, o TAP, cuja formação familiar em sua própria estrutura, proporcionava outro tipo de comportamento.

Posso estar enganado, mas talvez não. Comigo mesmo foi assim. Teatro, em casa, só as longas horas de leitura dos textos (eu, sozinho), um ou outro visitante eventual (uma vez na vida...).

Meu pai, que dizia que o teatro *já era*, por mais incrível que pareça, mostrou-me um dia peças suas da época do bumba – uma de 1944! Antes quando chegava alguém de teatro, ih, o povo sumia! Daí eu não convidava ninguém pra ir lá em casa.

Mas é claro que eu posso estar exagerando, talvez seja motivo para um outro texto, uma outra análise, e que não vem ao caso aqui.

O que importa é desvendar um pouco do menino Moisés. Sem querer me lembrei de João (Falcão): “Oh, meu Brasil menino/ menino Brasil/ menino...”

E lembrando dele, filmei “Muito pelo Contrário”, mas Moisés tinha saído em setembro de 82, do elenco, sendo substituído pelo nosso eternamente querido Marcus Vinicius. Foi em super-8, tentei de tudo pra colocar banda sonora, colocar os letreiros, mas nada! Acabaram com o super-8 mesmo.

Consegui enfim o áudio do espetáculo (da temporada 1981) com Augusta e tivemos uma bela exibição no Moreno Vídeo Bar. Depois desapareceram com a fita cassete de *La Ferraz* e até hoje. O título do filme eu mudei, hoje em dia se chama “Quer Tapioca com Manteiga, Freguesa?” e devo passá-lo para DVD, não sei ainda. De qualquer forma, João Falcão tem uma cópia dele em VHS. E conversei com Magdale Alves e Suzana Costa para darmos uma final nessa questão. Talvez eu dê a elas o material filmado. Mas eu estou entrando em assuntos correlatos.

Voltando a Moisés Neto, eu o vi em “O Bandido da Sétima Luz”, curta de Paulo Caldas (na época, Paulo Maurício Caldas), lançado em 1987 (filmado no ano anterior), e também em “O Cangaceiro”, na versão de Aníbal Massaini, de 1997, como um repórter, em cena com Jece Valadão. Eu achei glorioso. Também tinha mais era que achar mesmo! Logo eu que, quando tinha 11 anos, vi Rejane Medeiros sendo filmada na esquina da minha casa. Ou desde pequenininho via os filmes de Oscarito e Grande Otelo, Ankito, Mazzaroppi e Ronald Golias, só pra citar alguns, exibidos na antiga TV Tupi (saudades...).

Ele ali, cara a cara com o astro de “Os Cafajestes”, “O Boca de Ouro”, “Mineirinho Vivo ou Morto”. E atuando de igual para igual. Pronto! Agora, além de colega de trabalho e amigo de Moisés Neto, virei seu fã.

*Dá um tempo!*, diriam os cineastas/videastas que atuam mais com o documentário. Eles odeiam isso de “estrela”, “astro”, “fã”, “ator principal”. O pessoal de teatro nem tanto. Um dia, colocam o elenco em ordem alfabética, no outro por entrada em cena, e ainda com o personagem principal/ator principal em destaque.

Portanto, pensei agora, porque não uma estrela na porta do camarim dos atores e na sala dos técnicos? E outra não sei bem onde.

### Capítulo 3

#### Tarântula: Fim da adolescência

*E perguntaria Bob Dylan: “por que que você tem tanto medo de se envergonhar? Você passa muito tempo no banheiro né? por que que você não admite? por que que você tem tanta vergonha de ter medo? teu tio Matilda” (in “Tarântula”)*

E continua Moisés Neto, narrando o fim de sua adolescência: “Paulo Barros:ele adorava vestir preto. Usava casacos, óculos escuros e sempre uma bolsa como se estivesse pronto para ir embora para um lugar bem distante. Foi com esse cara eu conheci Andy Warhol (Andy dava um suspiro em 78, lá em New York e Paulo já sabia e nós comentávamos), David Bowie (Paulo me explicou *Ziggy Stardust* e *Major Tom* e me deu uns toques sobre androginia), Blondie, Rolling Stones (na época do lançamento de *Black and Blue* nós ficamos chapados várias vezes escutando a bolacha de vinil), Bob Dylan (nesta época eu li o romance dele chamado “Tarântula” e comecei a fazer traduções das letras das suas músicas. Eu adorava *Lay Lady Lay*), Paulo também curtia sons como Marlui Miranda e Mutantes (foi ele que me apresentou isso também, eu já conhecia Rita Lee, que tinha barbarizado com o lançamento de *Fruto Proibido* e depois *Entradas e Bandeiras*). Enfim: o amigo perfeito, não fosse pelo seu jeito suicida de ser. Um dia Paulo cortou-se em várias partes do corpo, só para obter sangue e pintar um quadro. Como eu, ele era poeta, e, gostava dos tais *estados alterados* da mente. Este rapaz também trouxe a psicodelia para dentro de mim. Seu apelido era Paulo Astral, para diferencia-lo do outro Paulo da nossa turma, o Smith. Ele me trouxe também Carlos Castañeda e a *Erva do Diabo*, um dos seus livros, que ao lado de *Viagem a Ixtlan* mudaram a minha vida. Eu já estava acostumado com Drummond, Gregório, Shakespeare (*Hamlet* e *Romeu e Julieta* estão entre as minhas primeiras leituras), Krishnamurti, Dostoievski, Dumas, Huxley, Hesse, Gibran, Poe (fiquei muito impressionado quando li um livro sobre sua vida e obra), Baudelaire, Dante (li o *Inferno* três vezes) e Clarice Lispector (e aqui eu devo confessar: eu adorava romances policiais. Li praticamente tudo de Agatha Christie que uma vizinha me emprestou, li Maurice Leblanc e Edgar Wallace), mas o underground *mesmo*, só conheci em 1977”.

E o que Moisés conheceria a partir de 1977? Ele próprio continua:

“Um dos nossos pontos de encontro era a lanchonete *Fruto Proibido* atrás da igreja de Boa Viagem. Rolava a maior *azaração* e todos exibiam suas performances e atitudes. Ali sabíamos tudo sobre todos. Falávamos mal dos surfistas de Olinda e das

cocotas de lá também. Rolava um certo clima de adversidade entre as duas facções. E mesmo entre a turma de Boa Viagem. Uns da nossa turma, C... e D..., perderam os pais num brutal acidente de carro. Ficaram revoltados. Herdaram imóveis e uma boa grana, mas caíram na marginalidade. Tipo: formar uma gang, roubar carros e traficar drogas. Muitos de nós pagaram preços *altíssimos* por certas experiências. Em 1988 quando eu estava morando em Brasília, fiquei hospedado na casa de D... (uma mansão com piscina e quadra de tênis), ele me tratou muito bem. Ele havia se regenerado.”

E Neto continua:

“As festas eram quentes e às vezes improvisadas. O som e as luzes eram perfeitos para os nossos encontros de fim de semana. Havia, é claro, os indefectíveis luaus em Gaibu e Maracaípe. Soube que ele continua morando em São Paulo e de vez em quando dirige uns filmes. Ainda em 77 uns rapazes da turma chegou com o disco *Never Mind the Bollocks*, do Sex Pistols. Eu fiquei ligado naquele som. Eu gostava também do Kiss. Lembro do dia em que fomos assistir ao documentário “Woodstock”, foi como se estivéssemos indo ao próprio festival. Era esse o clima. Também fomos ao lançamento do filme “Janis”. Uau! Eu nunca vou me esquecer daquele dia. A turma toda reunida. Foi uma caravana. Éramos mais ou menos uns vinte. Só havia dois carros. Fomos espremidos e alguns pegaram ônibus. Nos vestimos de acordo com a ocasião. Nossos pais não tardaram a entender o que se passava conosco. Algumas garotas como Miriam Pimentel, que mais tarde trabalharia como atriz em duas das minhas peças, eram como “musas” para a gente e levavam um *estilo de vida bem San Francisco*, se é que vocês me entendem. Alguns dos caras começaram a usar drogas injetáveis. Eu nunca fiz isso. Outros tomaram chá de cogumelo de zebu e comiam a tal coisa em viagens *delirantes*. Um deles se deu tão *mal* que até hoje nem álcool bebe. Stairway to Heaven era o nosso hino. Até hoje quando eu escuto esta música lembro daqueles dias. Houve uma tarde, quando fomos assistir *The Songs Remains the Same*, filme sobre o Led Zeppelin, que muitos de nós resolveram ficar zanzando numa lancha de aluguel pelos rios da cidade e curtindo o pôr-do-sol no dique do porto, ali, sobre os arrecifes que deram nome à nossa cidade, tendo como perfil a ilha do Recife antigo.”

É desta época um poema de Neto chamado “Tarântula” (dedicado a Paulo Barros e Bob Dylan):

*Em qualquer canto da casa existe uma tarântula  
Com suas patas curvas, peludas e débeis,  
Trêmulas de emoção e veneno*

*Em qualquer canto, o murmúrio dos ventos  
Quando se encontram num portal,  
nas brechas das janelas, corredores*

*atrás dos velhos quadros  
sacudindo os vidros  
A tarântula se move como um Pégaso*

*na neblina do sonho de alguém que depois da festa  
parece despreocupado com os estilhaços  
que são arrastados pela ventania.*



E Moisés Neto conta ainda:

“Nossas conversas eram sobre estados alterados da mente, filosofia, literatura, música e andanças pelo mundo. Eu pensava em fundar um grupo de teatro. Paulo queria morar em Nova York ou Londres, Smith queria ser um campeão de surf e um músico com talento reconhecido. Cantamos e dançamos. Uma das garotas tirou a roupa alguém tirou uma foto. A gente tinha assistido a um show de Robertinho do Recife numa cela da Casa da Cultura, antigo presídio, saímos depois com o pessoal da banda e então comentávamos o assunto. Apoiávamos os *Panteras Negras* e torcíamos pela libertação de Ângela Davis. Todos riram muito quando eu contei que quando era criança eu cantei e exibi os meus desenhos num programa de televisão do Recife, chamado Cidade Encantada, sob o comando de uma tal Tia Linda, na TV Jornal do Commercio. A música era “As folhas caem”, do repertório de Roberto Carlos. Paulo Barros riu tanto que quase teve uma crise, pensando sobre o pequeno Moisés e sua aparição na TV local.”

#### Capítulo 4

#### A IMPRENSA

Recife, 29 de julho de 2004.

“1986 foi o ano de LUIZ MARINHO...deixamos para agora a vez de falarmos em alguns nomes que luziram também, embora não fossem protagonistas dos espetáculos, nem tampouco os principais nomes dos cartazes. Recordamos logo o nome de MOISÉS NETO, o sacristão de “Viva o Cordão Encarnado”, engraçado e correto em todas as suas intervenções no espetáculo...HENRIQUE CELIBI, em “Tal e qual, nada igual no. 2” proporcionou momentos inesquecíveis no espetáculo. VLADIMIR COMBRE é outro ator que se afirma nos palcos recifenses...” (em “Valores que impressionam (I)”, Valdi Coutinho, *Diário de Pernambuco*, Recife sábado, 3 de janeiro de 1987).

“(...) Moisés Neto também conseguiu sucesso em seu desempenho, sabendo vencer com altivez o desafio de um papel feminino.”(em “Punhal”/Crítica, Enéas Alvarez, *Jornal do Commercio*, Recife, Terça-Feira, 7 de maio de 1985).

Fazer teatro nos anos 80 era uma maravilha no Recife. Tínhamos a maravilhosa cobertura quase diária de Valdi Coutinho e Enéas Alvarez do movimento teatral pernambucano. Era saboroso, indescritível. Não se pode falar do teatro pernambucano do período e esquecer esses dois nomes. Eles eram sensíveis na compreensão e tinham um talento nato para a crítica, se bebiam na fonte dos excelentes críticos teatrais dos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, eu não sei, mas tinham um jeito de escrever que levantava a moral de toda a classe artística. Publicavam notinhas, planos, projetos, idéias, a agenda diária, críticas muito educadas, elaboradíssimas, num português de alto nível, elegante mesmo. Taí, eu disse.

Fazer teatro nos anos 80 era o que havia de mais salutar para alguém que pretendesse desenvolver uma nova auto-estima, descobrir seu rumo na vida. Foi o que aconteceu comigo e com Moisés Neto também acredito.

Eu o via com Augusta em “Dona Patinha Vai Ser Miss” e a peça era ótima e todos estavam ótimos. Augusta já havia dado o show de atuação em “Irmã Natividade” e passava

a ser a atriz mais aplaudida pela platéia do Recife. Era incrível sua beleza, talento, jeito independente, mordaz, às vezes ferino. Todas queriam ser como ela. Ou mais tarde, como Magdale Alves, quando deixou de atuar apenas em comédias e encarou o drama. Sim, porque Magdale fazia você quase morrer de rir na platéia. Ela era absurda. Estávamos em 1980. Em 2004, que alegria poder ouvir a sua voz e a da superstar recifense dos anos 70 e 80, a toda poderosa Suzana Costa.

Mal compreendida por uns, invejada por outros, Suzana era a produtora mais forte do Recife daquela época. E seu jeito simples de atuar fez com que a considerassem mal, mas é evidente que os que se lembram de um monólogo de João em “Muito pelo Contrário”, onde ela dizia, através de seu personagem Alice: “Quer com Manteiga, Freguesa?” entre outros momentos bárbaros desse clássico do teatro pernambucano que correu o país – temporada 1981/1982 – sabem que ela tinha um humor sutil, refinado, e sabia ser dramática como em “Toda Nudez Será Castigada” e em “Cordélia Brasil”.

As atrizes dominaram o Recife durante toda a década de 80. Cada uma que quisesse ser mais *abaladora* que a outra.

Eu ia fazendo meu caminho bem devagarzinho: porteiro, bilheteiro e divulgador de rua de “O Pequeno Teatro da Felicidade” (1978), ator na performance “Jesus Cristo no Sertão”, dentro da sala de jornalismo da Católica (UNICAP), em 1979, ajudante de Verônica Monteiro em sua administração de produção de “Vamos Jogar o Jogo do Jogo”, ajudante na execução do cenário de “Flicts, a Cor”, divulgador de imprensa de “O Gran Circo das Perdidas Ilusões”, revisor do texto de “Guarani com Coca-Cola”, produtor da exposição “Natural”, de Bosco Accetti e Roberto Santos (Beto) (1980), e divulgador de “O Concertador de Brinquedos” (saudades do grande amigo Fernando Bastos), “Ninar, Adormecer e Sonhar”, “A Menina Que Perdeu o Gato Enquanto Dançava o Frevo Numa Terça-Feira de Carnaval em Olinda”, “Eu Sado, Tu Sades, Ele Masô”(1981)...êpa, volta!

A Menina que o quê?!

Isso mesmo. O título enorme. “Iluminação: Mirna Hélia” Mais na frente Moisés fala de Mirna Hélia e depois conta que aos 13 anos já escrevia contos e poemas (ele os têm guardados em sua casa).

Eu não era uma estrela naquela época. Mas Moisés foi se tornando. Em 80, esteve ainda como substituto em “O Suplício de Frei Caneca” (em 79, ele era contra-regra dessa peça). E em 81 depois de “Muito pelo Contrário”, na qual ficou até setembro de 82, ele já era uma estrela.

Porque todos da cidade vinham falar com você, lhe dar uma força, dizer que você tinha futuro, que você devia ir pra Globo, depois fazer cinema e ir direto pra Hollywood. Tudo era tão simples.

Será mesmo?!

Mas tudo era na base da batalha. Tudo era muito trabalho. Eu fui escriturário do Bradesco em 1978, estagiário do NAI-CEAG (SEBRAE) em 1979/1981, locutor-entrevistador (na carteira) e redator-editor-locutor-chefe da cobertura das eleições de 82 chegando a chefe do departamento de jornalismo da Rádio Jornal do Commercio (julho 82/fevereiro 83), colaborando com notícias redigidas por mim (principalmente notícias de urgência) para os programas de Jota Ferreira, coisas escritas para Jorge Chau, levantamento de temas para posteriores crônicas de Aguinaldo Batista (Agnaldo, às vezes, um excelente ator que o Recife perdeu há muitos anos) fiz pesquisas para a Tarkus, de Álvaro Jucá. Trabalhei com Danielle Romani (escrevíamos poemas em parceria), Alexandre Figueiroa (lado a lado como atores), Ana Farache (minha chefe e grande pessoa, grande atriz,

realmente a verdadeira musa do cinema super-8 pernambucano e inesquecível na sua performance de uma alcoólatra, em monólogo de “Gran Circo das Perdidas Ilusões” -essa peça era uma verdadeira aula de teatro, engraçadíssima, muito bem interpretada e excelente sobre todos os aspectos).

E o que é que o leitor tem a ver com a minha história?

Eu não consigo situar o passado e compreender/escrever uma biografia de Moisés Monteiro de Melo Neto sem me lembrar do que eu fazia. Porque em tudo existem as interligações.

Nos anos 80, Moisés fazia cursos de tudo, como o de ator de TV, no Canal 11 – TV Universitária, e de teatro com os maiores nomes do teatro local.

Sim, não posso me esquecer que em outubro de 81 fiz uma dieta de arroz integral sem acompanhamento médico e *despiroquei*, indo para o Rio de Janeiro onde fiquei até fins de junho ou início de julho de 82, por aí. Então eu não vi as peças pernambucanas deste período.

Quando retornei vim direto do aeroporto para ver “Rendez-Vous”, o musical de Ricardo Valença Monteiro ao lado de um grande elenco: Moisés Neto, Augusta, Paulo Barros, Patrícia Barreto, Sandra Mascarenhas. Do palco, Augusta mostrou (só eu notei) a Patrícia a “minha pessoa”. Acabado o espetáculo, que alegria pra mim: reencontrar Recife e seu maravilhoso universo artístico do início dos 80. Aí fui fazer teatro de rua, como “Gran Circo Brasil” e “A Mortalha” e experiências como “Assim Falava Zaratustra”, no SESC, e “Agita o Coreto”, com Pernalonga, Alexandre Figueiroa, Pedro Paulo Carneiro da Cunha, Ivson Santiago, Telma Virgínia (Araújo), Ricardo Pessoa, Rissashi Honda, Paulo Costa, José Vilarinho Amaral (meu irmão, 1962-1994, que Deus o proteja), Maurício Vilarinho Amaral, Ana “Corcunda”, Lígia, Graça “Canjica”, Juca de Olinda, Ana Néri, Rita de Cássia, fotos de Olavo Silva, contra-regragem de Patrícia Barreto, produção dos grupos Retrarte e Coca Passada (este era meu) e do Movimento de Arte Independente (MAI), com agradecimentos a Ivan Maurício e Carlos Fraga, URB de Olinda, no dia exato de 6 de agosto, uma sexta, de 8 da noite à meia-noite e meia. Parece que saiu uma nota dias depois anunciando para o dia 19 a performance. Mas eu não tenho essa nota do JC. Eu tenho o programa impresso após a exibição na Empresa Jornal do Commercio.

Moisés também conversava muito com Alzeni Gomes (Jujuba), grande atriz do período e musicista, sobre Nietzsche e principalmente sobre Zarathustra. Então vamos ver o que dizia o programa de Zarathustra.

À luz de poderosas lentes, o que vejo e que interessa reproduzir aqui?

Quanto a Moisés, ele fala de sua família pela primeira vez na vida:

“A família de mamãe veio de Nápoles. Sou bisneto de italianos. Vovô chamava-se Diocleciano de Belli. O pai dele foi cônsul da Itália na Paraíba e um dos primeiros a ter uma agência de automóveis. Isso na primeira metade do século XX era raridade. Contam-me histórias de mansões onde havia tapetes enormes, pianos de cauda, quadros. Há também na família o caso de uma ilha enorme que meu bisavô comprou no litoral paraibano. Lá havia viveiro de peixes, dizem que boa parte do peixe da capital vinha de lá. Havia plantações de frutas também. Foi a única coisa que sobrou da fortuna do velho. Os filhos dele torraram tudo.”

“Meu avô ajudava Barreto Júnior quando ele levava comédias para a Paraíba e minha avó e minha madrinha entraram em cena algumas vezes. Tio Osiris (em negrito) de Belli era poeta e morreu tuberculoso. Iaiá de Belli, minha bisavó que veio de Caicó, olhos profundamente azuis, tocava bandolim e fazia letras de música. No terraço da casa de Cabedelo, vovô organizava rodas de coco.”

“Por parte do meu pai, Mário Monteiro, eu tenho sangue de índio Xucuru. Meu avô, Moisés Monteiro era filho de uma índia com o fazendeiro mais próspero de Sanharó (PE)”.

## CAPÍTULO 5

### Por Que Viver de Literatura?

Em julho de 2004, Moisés Neto responde porque quer viver de literatura:

“Desejo tanto uma nova mecânica de poder e tem ao mesmo tempo ter reforçado certos valores antigos que se embutiram de alguma forma às minhas estratégias de composição e divulgação dos meus textos. Queria que a mídia não adestrasse os recifenses do modo que vem acontecendo de forma tão insistente. Aqui a guerra não é o contrário da paz quando se trata, por assim dizer, de literatura: a história de uns não é mais a história de todos.”

E continua:

“É uma anti-história o que se faz no Recife e a minha literatura reflete, ou busca refletir este não-ser.”

Mas, Moisés Neto conta mais sobre sua própria vida: “Um dos nossos tinha também uma casa na praia de Maracaípe, perto de Porto de Galinhas, nem energia elétrica tinha lá em 76. A geladeira ali era na base do gás e a cozinheira fazia comidas deliciosas como fatias de pão, assadas e embebidas em leite de coco e canela. Surfávamos despreocupados, e, *viver*, era uma aventura fantástica. Ah os olhos da juventude! Aos 16 conseguimos passagens de avião de graça pelo avião do correio, o pai de um cara do grupo era da aeronáutica e foi assim que eu, conseguindo uma autorização especial dos meus pais viajei para lugares como Fortaleza e Belém, aos 15: mochila nas costas e cabelos, encaracolados nos ombros. Foi quando eu ganhei um concurso sobre os Beatles promovido pela revista POP. Alguns dos meus melhores amigos desta época foram, Paulo Smith, que comporia comigo algumas trilhas sonoras para teatro. Paulo Barros, a quem eu dirigiria no teatro e que fez parte do revolucionário grupo de teatro o TUBA (de *O Guarani com Coca-Cola*), Rogério, Glória Smith, o DJ Nelinho – grande Nelinho! – a artista plástica Elússia, a futura jornalista e dona de boates, Rejane Leandro (dona das boates Status, em Piedade, e Leandro’s, em Boa Viagem), com quem eu curti até a exaustão minha fase *dancing days*), o milico José Souto, o multimídia Ricardo Valença, dentre outros. Um cara de um grupo chamado *Cães Mortos* estudava comigo. Havia a feirinha Hippie e os problemas com as drogas. Alguns dos meus amigos se deram *mal*.

Fomos um dia ao teatro assistir ao *Trate-me Leão* com o *Asdrúbal Trouxe o Trombone*. Foi quando eu decidi que faria teatro a qualquer custo. Minha família (com razão?) ficou escandalizada. Teatro? No Recife? Eu olhava algumas fotos de artistas de teatro no Recife. Lembro de Suzana Costa em *Cordélia Brasil*. Via as propagandas na TV: a Práxis Dramática, de José Mário Austregésilo (Galileu Galilei). Era uma época de filmes como *Laranja Mecânica*, Woody Allen. *Sessões de Arte* com filmes que me

impressionavam como um, que eu comprei a trilha sonora, chamado *Sunshine*, ou ainda Ifigênia, com Irene Papas, Barbarella, Macbeth de Polanski, Romeu e Julieta, Ladrão de bicicleta, Verdades e Mentiras de Weles, O encouraçado Potemkin, Terra em Transe, filmes velhos que vinham à tona com o fim da censura militar. Os concertos gratuitos de música clássica no Teatro de Santa Isabel, que eu freqüentava com meu amigo Rogério. Eu estava fascinado com o mundinho dos intelectuais. Duas figuras marcam o final da minha adolescência: minha namorada Mirna Hélia e atriz Augusta Ferraz. Eu tive algumas namoradas, como a terrível Vilma que me seduziu e abandonou aos treze anos (com um beijo de língua coberta com sorvete de nata com morango), mas Mirna mudou a minha vida: queríamos ter um filho e comprar camisinha em 1979 era um drama. Curtíamos Clarice Lispector e Fellini. O relacionamento acabou de forma terrível. Nesta época eu tinha entrado para UFPE e queria ser antropólogo”, conclui por enquanto Moisés.

## **Capítulo 6** **O Fim da Adolescência de Moisés Neto**

“Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico como saudosa lembrança estas Memórias Póstumas”, Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Meu pai, Helênio Furtado do Amaral, vê assim “A Casa Torta”, de Agatha Christie: “Como sempre sucede nas histórias de Agatha Christie, o desfecho é deveras surpreendente. Tudo é narrado na 1ª. pessoa, pelo personagem Charles. O número de assassinatos na família Leonides passa do razoável. Também parece irreal o autor dos assassinatos. Há vários trechos enfadonhos na história.”

Moisés Neto estava crescendo e adquirindo gosto literário e musical. É ele quem continua: “Eu acabara de ler **O Capital** de Karl Marx e um dos rapazes de turma, o Júnior, o filho do general, dizia que aquilo era uma obra datada. Adriana, a quem eu pedia há muito tempo que ilustrasse o meu livro de poemas, finalmente, ali, no improviso desenhou algo que eu guardo até hoje e realmente ilustrou uma edição vagabunda dos meus versos. Rogério começou a recitar um poema aos berros próximo à barra onde ficam dois pequenos faróis e a guarda do porto, num barco, pediu que parássemos com aquilo. Era uma época difícil. A ditadura militar exigia de todos nós jovens um posicionamento. Em 79 viria a “abertura” e nós trabalharíamos para as esquerdas. Eu vendi camisetas e broches para **Arraes**, Francisco Julião e Gregório Bezerra. Participei de reunião com estes políticos, ajudei na organização e divulgação de comícios e tudo mais. Fernando Gabeira lançou o livro **O que é Isso Companheiro?**, que eu li, ansiosamente. Depois viria *O Crepúsculo do Macho*, outro *best seller*. Um dos nossos amigos inventou de usar uma tanga de crochê igual a do Gabeira na praia de Boa Viagem, afinal de contas vivíamos um período de abertura sexual também. A turma achou meio engraçado. Só. Conheci Gabeira pessoalmente numa das palestras que ele conferia e em 1985 escrevi uma peça sobre suas aventuras e desventuras, esse texto permanece inédito.”

E o que dizer de Moisés Neto enfim adulto? Ele mesmo responde:

“Em fevereiro de 1980 eu tinha 18 anos e fui morar no centro do Recife. Eu simplesmente enlouqueci ao me distanciar de Boa Viagem, que por sinal anunciava a inauguração de um dos maiores shoppings do Brasil: o shopping center Recife. Meu bairro

já não era o mesmo e os anos 80 começavam azedos. Comecei a beber demais e me meter em confusões terríveis. Uma grande amiga minha se envolveu com drogas e eu tive que acompanhá-la a uma clínica e dar satisfações à lei. Entrei para um curso de teleator na TV Universitária e participei do especial A Cartomante, que só seria lançado dois anos depois. Fiz uns dez cursos de teatro e conheci mestres como Antônio Cadengue, Carlos Bartolomeu, José Francisco Filho, Luiz Maurício Carvalheira e muitos outros. Comecei a andar com esse pessoal de teatro e logo me vi envolvido em três “grandes” produções locais: “Suplício de **Frei Caneca**”, de Cláudio Aguiar. Nesta era contra-regra e fiz uma turnê pelo Nordeste. Nos apresentávamos nas igrejas (centenárias) dos Carmelitas (era o 4º. centenário dos Carmelitas no Brasil). Houve brigas e um dos atores subiu um altar Barroco em Salvador e fez coisas absurdas durante uma reunião. Tínhamos aqueles monumentos impressionantes e valiosos todos ao nosso dispor, já que a cúpula do Carmo estava nos produzindo. Aprendi muito sob a direção de José Francisco Filho e estreei como ator substituto na igreja do Carmo de Olinda numa noite daquelas. Eu havia subido para a torre do sino para ver a lua nascer à beira-mar. Antes tomara uns cálices de um Porto sensacional e andara num brinquedo Tira-prosa, num parque de diversão na frente da igreja. Já tinha feito o meu serviço e esperava a peça começar. Foi quando vieram procurar-me com a boa nova: eu deveria substituir um ator que faltou. Meu primeiro texto em cena foi: “Enforcai-o!”. Eu era um dos algozes de Frei Caneca. No mesmo ano eu estrelaria uma peça infantil que foi um sucesso e foi interrompida porque o Teatro onde estava se apresentando pegou fogo (“Dona Patinha vai ser miss”, sob a direção de Buarque de Aquino). A terceira produção em que me meti em 1980 foi “Muito pelo Contrário”, que estrearia em 1981 e mudaria minha vida para sempre. Larguei a **UFPE**. A peça foi um estrondoso sucesso. Ficamos em cartaz durante um ano e meio em Recife e partimos para uma turnê pelo Brasil. Tive então oportunidade de participar de temporadas no Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória do Espírito Santo, Paraná e várias outras capitais e conviver com a nata da intelectualidade “pop” recifense. João Falcão e sua turma eram absurdos e eu fiquei fascinado com aquilo tudo.”

Por onde morava Moisés Neto nesse período? Ele nos conta:

“Num dos intervalos da turnê eu decidi voltar a morar próximo aos meus pais. Minha avó Diomar de Belli tinha ainda uma casa em Campo Grande e eu me transferi para lá. Não, não foi uma boa idéia. Papai não bebia como antes, mas logo começamos a nos desentender e teve um dia que na hora do almoço eu tirei toda minha roupa e disse poucas e boas. A família ficou chocada e mamãe chorou convulsivamente. Na mesma semana tive oportunidade de encontrar pessoalmente o dramaturgo **Eugene Ionesco**, que viera ao Recife à convite da Fundação Joaquim Nabuco. Nosso encontro se deu num bairro muto agradável do Recife chamado Casa Forte, bem perto da casa de Gilberto Freyre. Eu fiz algumas perguntas e Ionesco me respondeu. Eu pedi conselhos, pois estava pensando em publicar o meu primeiro romance. Em 1982 eu concluí o tal livro e resolvi participar de um grupo teatral chamado Trapézio. Fomos todos morar numa região deserta da praia de Candeias, um lugar ainda quase virgem com um visual que incluía montes azulados e uma lagoa.”

## Capítulo 7

### O que teria acontecido com Moisés do final de 1984 até 1985?

Os jovens começaram a se vestir de modo diferente. *New wave* da Blondie, do Lobão, do Kid Abelha, *ska* do Paralamas, Lulu Santos, Legião Urbana, Cazuza do Barão Vermelho, filmes e mais filmes que brotavam. Moisés estava interpretando *A Noite dos Assassinos* (do cubano José Triana). Conseguiu uma passagem para o Rio e um passaporte para todos os dias do festival Rock in Rio (*Rock'n'Rio*). Como ele mesmo conta:

“Eu peguei um avião com destino ao Rio. Isso foi na madrugada da última apresentação da peça (antes fui comemorar com toda a equipe e tomamos bastante vinho). Um amigo meu foi me pegar no aeroporto carioca. Ele me levou para a casa dele, na Ilha do Governador. Era uma favela!”

A narrativa segue em ritmo jovem: “No outro dia me transferi para a casa de outro colega meu que morava em Ipanema, o Pedro Paulo. Nós fomos à praia e aquela água gelada me revigorou bastante. A galera estava falando com Mary Jane por toda a areia. Como eu curti a minha juventude! Eu não precisava das drogas nem do álcool. A minha imaginação sempre foi uma companheira bem agitada. É claro que houve cervejas e tudo o mais, mas a minha *interna vida cósmica* (título de um poema meu) era bem mais forte que qualquer substância a ser consumida, entendem? Tinha um cara com quem meu amigo dividia o apartamento e aí teve uma garota e uma cena de ciúmes. Pronto: no quarto dia tive que encontrar outro lugar para ficar. Naquela tarde eu fui ao apartamento de Celeste Jerônimo, onde João Falcão estava hospedado. Não foi o que se poderia chamar de uma tarde legal, mas algo a tornou mais desagradável: alguém contou que durante um enterro Celeste pisara num caixão podre e atolara o pé num cadáver. Fiquei hospedado então no Parque Guirle, num conjunto residencial nas Laranjeiras, coisa de primeira. Meu quarto tinha janela para um monte belíssimo e a família de **Lúcio Azevedo** Wanderley me recebeu muito bem. Chegaram outros amigos nossos e começamos a fazer uma farra que duraria cerca de dez dias e incluía caixas de vinho e tudo mais que aparecesse em termos de emoção: eram shows de **Ozzy Osborne**, Nina **Hagen** (por quem eu era fascinado), **Queen** (Fred barbarizou num *Grand Finale*), **Iron Maiden**, Scorpions, Kid, Barão, Paralamas, **Rita Lee** e outros. Eu sabia muitas letras desses músicos e cantava na maior brincadeira. Foi uma grande confraternização. Lúcio é um cara bem legal e chegamos a compor uma pequena ópera baseada em *Frankenstein*, ele morava no bairro de Casa Forte (Recife). Encontrei o pessoal do teatro no Festival, que acontecia num local enorme, nós jovens vítimas da ditadura militar não estávamos acostumados com tamanha liberdade. Até 84 dois caras conversando na rua? A polícia já podia prender por *conspiração*.”

E aquele festival, o que significou para Moisés Neto? Ele responde:

“Aquele festival marcou o início de uma nova etapa para muita gente. E não ficávamos somente por lá, não. Uma noite depois do evento nós fomos ao **Canecão** assistir ao show da **Legião Urbana**, que não participou do festival. Assistimos a algumas peças de teatro e conversamos muito com atores e diretores. Um grupo de lá começou a ensaiar uma peça que eu havia escrito (*O Diário secreto de Janis Joplin*). O projeto não foi adiante. Voltei para o Recife cheio de gás e montei meus primeiros textos. Chamei Henrique Amaral para trabalhar na minha primeira peça. Ele topou, compus o elenco e faltava uma atriz. Pierson Barreto me indicou Simone Figueiredo, que já trabalhara com a *Ilusionistas*. Foi assim que eu conheci uma das mulheres mais importantes de toda a minha vida. A

minha companheira Simone Figueiredo. Meu amor por esta garota mudou tudo. Minha vida começou a tomar novos rumos”.

E 1985 como começava para Moisés? Ele explica:

“Eis o começo de 1985: **Tancredo** Neves morreu em circunstâncias muito suspeitas. O povo dizia que ele fora assassinado, que a repórter Glória Maria vira tudo dentro de uma igreja e tiveram que abafar o caso. Conhecemos então Dona Risoleta Neves, a esposa do homem que poderia ter salvado o Brasil, ela sempre parecia estar sofrendo muita pressão, estava bastante assustada. Sobrou o vice para a gente: o maranhense José Sarney assumiu o comando do país. Foi um período no qual o Brasil poderia ter melhorado. Não aconteceria nada disso. Na rádio **Lobão** cantava *Decadence avec Elegance, Revanche e O rock errou*. O país mergulharia num plano econômico catastrófico chamado Plano cruzado. Foi algo similar a um soco na cara dos cidadãos que continuariam a levar porrada até o final da década, sem intervalos. Faltaria comida nos supermercados, a inflação chegaria às alturas antes inimagináveis e a nação se emporcalharia no mais absoluto caos culminando com a gestão do presidente **Collor**.”





*Moisés Neto no Vale da Lua, Cabo de Santo Agostinho, 1977*